

DITONGAÇÃO: expediente formal de tempo presente

Vitor de Moura Vivas (UFRJ)¹

RESUMO: O mecanismo da fusão, apesar de sistemático e produtivo, está à margem dos estudos de morfologia do português. A fusão é uma operação na qual uma modificação num tema de um vocábulo revela a manifestação de um conteúdo relevante para a base. Para o enfoque estruturalista, qualquer processo que não envolva encadeamento estrito de formas constitui um problema. Em nossa pesquisa, focalizamos fusões que ocorrem em verbos; demonstramos que a morfologia flexional portuguesa se organiza não só por concatenação de afixos, mas também por fusão. Explicitamos diversos expedientes de fusão – ditongação, mudança consonantal, inserção consonantal, haplogia, alternância vocálica – que manifestam conteúdos de tempo e de número-pessoa². Fundamentando-nos em Bybee (1985) e Gonçalves (2005), demonstramos que modificações no radical do verbo veiculam conteúdos gramaticais na morfologia verbal do português. Neste artigo, pretendemos evidenciar que o presente, ao contrário do que defende a literatura estruturalista, pode ter manifestação formal. Essa manifestação não se dá por acréscimo de afixos, mas por fusão. Um dos expedientes formais de fusão do conteúdo de tempo *presente* é a ditongação. Explicitamos, no artigo, uma fundamentação para o mecanismo fusão, demonstrando que a forma de superfície revela graus de relevância semântica. Também apresentamos casos de fusão por ditongação no português, fornecendo evidências da produtividade desse expediente de fusão.

1) Introdução

Exemplos de modificação no radical que informam conteúdos gramaticais são considerados pela literatura morfológica como casos de exceção, já que a morfologia portuguesa seria aglutinativa. Pretendemos demonstrar que há regularidades nas alterações que o radical sofre e que tais regularidades precisam ser estudadas e sistematizadas no português. A ditongação no radical não ocorre por acaso, ela é motivada fonologicamente, já que ocorre no contexto de sílaba tônica do radical. Além disso, em termos semânticos, veicula alguma informação gramatical. Explicitamos, neste artigo, casos de ditongação que veiculam o conteúdo de *presente*.

Fundamentando-nos em uma abordagem que acredita na relação motivada entre forma e conteúdo (Bybee, 1985; Gonçalves, 2005), pretendemos demonstrar, neste artigo, que modificações formais no radical de verbos são exemplos de fusão em português. Objetivamos confirmar, seguindo Gonçalves (2005), que a língua portuguesa não é puramente aglutinativa, havendo, desse modo, duas possibilidades de indicar informações gramaticais na morfologia do verbo: por concatenação de formas ou por fusão. Como aponta Bybee (1985, p. 45), “*muitas línguas utilizam uma combinação de aglutinação e fusão*”.

Apresentamos, brevemente, na seção 2, a maneira como a modificação no radical é tratada pela literatura morfológica. Em geral, apresentam-se regularidades formais, mas sem analisar o conteúdo expresso por tais regularidades. Na seção 3, apresentamos um aporte teórico (Bybee, 1985; Gonçalves, 2005) que nos permite afirmar que alterações no radical do verbo são motivadas semanticamente e estão, na maioria das vezes, a serviço de alguma

¹ Orientado por Carlos Alexandre Victorio Gonçalves, é bolsista de Doutorado do Órgão de Fomento CAPES e Professor Substituto da UFRJ.

² Em Vivas (2011), demonstramos a produtividade e sistematicidade de vários expedientes formais do mecanismo fusão na morfologia verbal do português apresentando, inclusive, uma formalização para a fusão por alternância vocálica.

informação gramatical. Desse modo, conseguimos apontar as causas para essas modificações formais, que constituem problemas para a literatura morfológica de inspiração estruturalista. Para esse tipo de enfoque, de forma geral, afixos informam noções gramaticais, visto que a morfologia sempre busca alcançar uma relação de univocidade entre unidades formais e conteúdos semânticos. Na seção 4, ilustramos modificações na base verbal que veiculam conteúdo gramatical através de dados de ditongação. Demonstramos que a ditongação no radical do verbo veicula o conteúdo de *presente* na morfologia verbal do português. Na seção 5, apresentamos algumas considerações a que chegamos com a pesquisa.

2) Revisão da Literatura quanto à modificação no radical do verbo

Na literatura estruturalista, quando se aborda alguma espécie de mudança no radical dos verbos, trata-se dessa modificação, de um modo geral, apenas através de argumentos formais. Em algumas obras da literatura morfológica sobre o português (Koch; Souza e Silva, 1989; Zannoto, 2006; Câmara Jr., 1970; Lopes, 2003; Monteiro, 1991), padronizam-se muito bem os verbos chamados de irregulares quanto às semelhanças formais entre os tempos. A explicação das irregularidades, partindo da observação das formas de que derivam (presente do indicativo; infinitivo ou pretérito perfeito), é muito criteriosa em termos formais.

Não vemos, todavia, nessa padronização de grupos de verbos, o que, em termos de significado, liga essas formas verbais. Na minoria dos casos, os autores explicitam uma relação entre mudança na base e informação expressa. Koch ; Souza e Silva (1989), apesar de mostrarem que Câmara Jr. já observara que irregularidades no verbo trazem informação gramatical, fazem uma descrição quase toda baseada em aspectos formais. As autoras afirmam que as alternâncias vocálicas que ocorrem nas formas rizotônicas do presente do indicativo nas segunda e terceira conjugações, ou a ditongação do radical que ocorre nas formas rizotônicas de certos verbos ('passar', 'odiar'), não devem ser tratadas como irregularidades no plano morfológico: são "*simplesmente alterações fonologicamente condicionadas*" (Koch; Souza e Silva, 1989, p. 60). A única modificação no radical com contraparte significativa apontada pela grande maioria autores de base estruturalista é a alternância vocálica. Mesmo assim, são expostos poucos casos, e a alternância é considerada improdutiva. VIVAS (2011) demonstra que, em algumas variedades, o falante realiza a alternância vocálica produtivamente, veiculando determinados conteúdos: distinção entre P1 e P3 pela oposição entre vogal alta e vogal média ('tr[u]xe' e 'tr[o]xe'; 'c[u]be' e 'c[o]be'), informação de presente por abertura de vogal média (est[ɔ]ro, p[ɔ]so, r[ɔ]bo, int[ɛ]ro).

Como afirmam Azuaga (1996) e Gonçalves ; Almeida (2008), a alternância vocálica é um dos problemas no mapeamento biunívoco entre morfe e morfema. Observa Azuaga (1996) que as relações apofônicas (*ablaut*, *umlaut* e modificações morfológicamente significativas em vogais e consoantes) talvez constituam o caso mais importante na explicitação da dificuldade de identificação e segmentação de morfemas. Os exemplos apontados pela autora são do inglês: 'sing'; 'sang' ('cantar'; 'cantei') / 'break'; 'broke' ('partir'; 'partiu') / 'foot'; 'feet' ('pé'; 'pés') / 'man'; 'men' ('homem'; 'homens'). Segundo a autora, casos de mutação vocálica e consonantal são exemplos de modificação parcial da base; há, ainda, os casos em que o processo envolve mudança total da base, como, em português, o verbo 'ser' ('fui'), e, em inglês, o verbo 'go' ('went').

Defendemos a hipótese de que modificações formais no radical dos verbos possuem, frequentemente, uma contraparte semântica. Mesmo modificações condicionadas fonologicamente (por exemplo, a ditongação que ocorre na vogal tônica do radical) podem acarretar alguma informação gramatical. Em outras palavras, acreditamos, como Bybee (1985) e Gonçalves (2005), na correlação entre forma e significado; assim, padrões formais próximos são também relacionados em termos de informação gramatical. Em português, o processo morfológico que envolve mudança total ou parcial da base, explicitado por Azuaga (1996), tem regularidade e produtividade. Na próxima seção, apresentamos o arcabouço teórico que nos permite entender a modificação no radical como um fenômeno que veicula informação gramatical. A literatura morfológica estruturalista percebe mudanças formais regulares em radicais. Todavia, tal literatura não dá conta plenamente da contraparte semântica dessas mudanças, que evidenciam que nem sempre os expoentes de informações gramaticais são afijos.

Fundamentando-nos em Bybee (1985) e Gonçalves (2005), demonstramos que mudanças no radical são, muitas vezes, reflexos de informação gramatical que se funde no conteúdo lexical de vocábulos. Essa fusão de conteúdos é sistemática nas línguas do mundo e pode explicar o porquê de haver mudanças formais regulares nos verbos da língua portuguesa. Para demonstrar a regularidade e a motivação dessas mudanças em radicais verbais, explicitamos, na próxima seção, como a expressão de superfície revela graus de relação semântica. Afijos mais próximos do radical são mais importantes semanticamente que afijos distantes do radical. Mudanças no radical verbal são, muitas vezes, reflexos da fusão de algum conteúdo flexional relevante ao verbo.

3) Fundamentação do mecanismo fusão

Apresentaremos, nesta seção, as bases teóricas que nos levam a defender a hipótese de que modificações formais no radical veiculam conteúdos gramaticais. Através de Bybee (1985) e Gonçalves (2005), demonstramos que conteúdos relevantes tendem a se fundir em bases verbais. Alternância vocálica: ‘f[i]z’ / ‘f[e]z’ (distinção entre 1ª pessoa do singular e 3ª pessoa do singular), ditongação: ‘present[ei]-’ (radical de ‘presentear’ que veicula a noção de presente) e mudança consonantal: ‘per[k]-’ (radical de ‘perder’ que veicula o conteúdo de presente) são algumas das estratégias, no português, que evidenciam que a flexão verbal portuguesa se organiza também por fusão.

3.1) A relevância semântica

Bybee (1985) evidencia haver forte correlação entre forma e significado na morfologia flexional de línguas naturais. Assim, observa que conteúdos gramaticais mais relevantes para a base tendem a ocorrer adjacentes a esse constituinte morfológico. Quando a relevância é muito alta, é frequente a ocorrência de fusão: um conteúdo mescla-se ao outro numa forma, muitas vezes, indecomponível em partes mínimas significativas. Bybee (1985, p. 4) chega a afirmar que a principal hipótese de sua pesquisa é a de que o grau de fusão morfofonológica de um afixo para com o radical se correlaciona diretamente com o grau de relevância semântica desse mesmo afixo em relação ao radical. Portanto, para entender o que é fusão, é fundamental entender o princípio de relevância. Para Bybee (1985), quando dois conteúdos são relevantes entre si, um deles afeta ou modifica diretamente o outro. Se houver um alto

grau de relevância, a expressão tende a ser morfológica (flexional/derivacional) ou lexical. Já com conteúdos irrelevantes entre si, é frequente a expressão sintática.

Como aponta Gonçalves (2005), o conteúdo direcionalidade é muito importante para verbos de movimentos. Para o conteúdo *mover*, é fundamental saber *para onde se move*. Desse modo, é provável que encontremos expressão lexical desses conteúdos: ‘subir’ (andar para cima); ‘descer’ (andar para baixo); ‘seguir’ (andar para frente); ‘voltar’ (andar para trás); ‘entrar’ (andar para dentro); ‘sair’ (andar para fora). Já o conteúdo *companhia* (com quem se move), como demonstra Gonçalves (2005), não é tão fundamental para verbos de movimentos. Assim, não ocorre fusão dos conteúdos *movimento* e *companhia*. Realmente, quando queremos expressar que nos movemos na companhia de alguém, utilizamos a expressão sintática: ‘Andamos *com Fulano*’; ‘Seguimos *com Fulano*’; ‘*Eu e Fulano* voltamos de algum lugar’. Para o conteúdo *orientação acadêmica*, é importante saber se ela ocorreu em conjunto ou não. Por isso, apesar de não haver expressão lexical para os conteúdos *orientar* + *companhia*, verificamos expressão morfológica: ‘coorientar’; ‘coorientação’. Para conteúdos como *organizar*, *chefiar*, *participar* também é relevante o conteúdo *companhia*. Verificamos dados no português que comprovam essa previsão: ‘coparticipação’; ‘coorganizar’; ‘cochear’. Isso confirma a hipótese de Bybee (1985), segundo a qual conteúdos relevantes tendem a ser expressos lexical ou morfológicamente. Já conteúdos irrelevantes entre si tendem a ser expressos sintaticamente.

Bybee (1985, p. 13-14) aponta que a relevância depende da saliência cognitiva e cultural: “dois conteúdos são altamente relevantes, um para o outro, se o resultado da combinação deles nomeia algo que tem alta saliência cultural ou cognitiva”. Gonçalves (2005) demonstra que, em português, o conteúdo *ritmo que se dança* é relevante para o conteúdo *dança*. Assim, muitas vezes, há fusão, no radical, desses dois conteúdos. Em ‘sambar’, há fusão no radical ‘samb-’ dos conteúdos *dançar* e *ritmo*. O mesmo ocorre em ‘pagodear’, ‘valsar’, ‘lambadar’, ‘salsar’, ‘sapatear’. Essa fusão do *ritmo que se dança* em radicais é indício de que ritmos musicais são elementos relevantes culturalmente no Brasil. Em outras línguas, a combinação entre os conteúdos *dança* e *ritmo* se dá por expressão sintática, “como ocorre em inglês (‘to dance a jazz’) e em espanhol (‘danzar el merengue’), o que pode ser indício da baixa proliferação e/ou importância de estilos musicais e dançantes nessas culturas” (Gonçalves, 2005, p. 132).

Cultura, em termos antropológicos, é um conjunto de hábitos de um determinado grupo social. Sair para dançar é um hábito frequente na cultura brasileira e, desse modo, é natural que haja fusão dos conteúdos *dançar* e *ritmo* no conteúdo lexical (radical). No Brasil, ninguém sai para dançar *rock*, mas para ver o *show* de *rock*, “curtir” o ritmo. Desse modo, não vemos fusão dos conteúdos *dança* + *ritmo* (*rock*). Não ocorre ‘*roquear’ em português; pelo mesmo motivo, não há mescla dos conteúdos *dança* + *ritmo* (*música clássica*). Caso haja, nos Estados Unidos ou Inglaterra, algum ritmo musical que leve as pessoas a sair para dançar, haverá, provavelmente, para esse tipo musical, fusão dos conteúdos *dança* e *ritmo*.

É possível medir a relevância de conteúdos gramaticais com relação a conteúdos lexicais. Bybee (1985) mostra uma distinção feita por Sapir (1921) entre os conteúdos relacional e material. O conteúdo material é expresso, geralmente, por palavras ou radicais e indica ações, objetos, qualidades. Já o conteúdo relacional refere-se a significados mais gramaticais e se manifesta por afixos ou por mudança no radical. Para entender a fusão em categorias flexionais, é fundamental medir a relevância do conteúdo relacional com relação ao conteúdo material. Para Bybee (1985: 15), “uma categoria é relevante para o verbo, na medida

em que o sentido dessa categoria afeta diretamente o conteúdo lexical do verbo”. A autora aponta graus de relevância para categorias verbais. Ao estudar uma amostra de 50 línguas, elaborada por Perkins, a autora chega à seguinte ordem decrescente de relevância para conteúdos gramaticais que mais frequentemente se manifestam por flexão em verbos:

(1) valência, voz, aspecto, tempo, modo e concordância.

A autora percebe, então, que o aspecto é uma categoria mais relevante para o significado verbal que a concordância. Enquanto o aspecto se refere diretamente à ação descrita pelo verbo, a concordância faz referência aos participantes da ação. Segundo a autora, a maior relevância do aspecto sobre a concordância leva a duas previsões: 1) a ocorrência de mais expressões lexicais de aspecto que de concordância nas línguas do mundo e 2) a existência de mais línguas com a categoria flexional aspecto do que com a categoria flexional concordância. Essa última previsão, segundo a autora, foi confirmada por Greenberg (1963), que demonstrou o seguinte: quando há flexão de número e pessoa nos verbos, há também flexão de tempo, aspecto ou modo. Essa informação reforça a escala de relevância proposta por Bybee (1985), visto que aponta serem tempo e modo mais relevantes para o verbo que concordância. No português, há flexão de número e pessoa, mas, como prevê Greenberg (1963), ocorre também flexão de modo, tempo e aspecto.

Das categorias expressas nos verbos do português, modo, tempo, aspecto, número e pessoa, o aspecto é a categoria mais relevante semanticamente. Em português, há muitos casos de expressão lexical de aspecto, como prevê o princípio de relevância. Como aponta Gonçalves (2005), fundamentando-se em Travaglia (1981) e Borba (1991), em exemplos como ‘progredir’, ‘desenvolver’, ‘crescer’, há a indicação de aspecto incoativo, já que são colocados em evidência o início e o desenvolvimento do evento, mas não o seu término. Com relação ao significado aspectual reiteração, que expressa repetição, hábito, vemos dados como ‘permanecer’, ‘costumar’, ‘fumar’. Outro significado aspectual apontado por Gonçalves (2005) é o de pontualidade, com o qual se coloca em evidência o término de um processo. Verifica-se tal significado em ‘cair’, ‘falecer’, ‘acabar’. Todos esses dados mostram como é comum a existência de expressão lexical de aspecto em português, já que inúmeros radicais expressam noções aspectuais.

3.2) A fusão de categorias gramaticais

Fundamentando-se em Bybee (1985), Gonçalves (2005, p. 143) explicita o seguinte com relação à fusão:

Por fusão, devemos entender (1) o uso de raízes supletivas, (2) os casos em que o radical incorpora noções gramaticais ou, ainda, (3) a escolha do alomorfe flexional por classes morfológicas. No primeiro caso, formas inteiramente dessemelhantes podem amalgamar dois ou mais conteúdos. No segundo, radicais podem conter informações gramaticais de natureza variada. No último, afixos flexionais diferentes podem ser selecionados em função de paradigmas morfológicos.

Mostra Gonçalves (2005) que a previsão de Bybee (1985) se confirma em português: afixos mais relevantes tendem a ocorrer mais próximos do radical e apresentam mais casos de fusões que afixos que estão mais longe do radical na expressão de superfície. Assim, com relação a substantivos, demonstra que há muitos casos de fusão de gênero. Em formas como ‘cadela’, ‘mulher’, ‘nora’, ‘égua’, há fusão no radical dos conteúdos lexicais com o de *fêmea*; por exemplo, em ‘égua’, fundem-se os conteúdos *cavalo* + *fêmea*. Já a categoria número plural, expressa por um afixo terminal, ‘-s’, está mais distante da base que a marca de gênero, a vogal ‘-a’. Dessa forma, é menos relevante e parece não se caracterizar por fusão: “o léxico contém grande contingente de formas com fusão semântica para o gênero e parece não apresentar amálgamas para o número” (Gonçalves, 2005, p. 144-145). Os casos de fusão de gênero apresentados são do primeiro tipo evidenciado por Bybee (1985), o qual se atualiza por meio de formas supletivas. Assim, ‘égua’ expressa o animal equino fêmea e tem uma forma totalmente dessemelhante do vocábulo ‘cavalo’.

Com relação ao verbo, Gonçalves (2005) também afirma que modo, tempo e aspecto apresentam mais casos de fusão que número e pessoa, o que também confirma a previsão feita por Bybee (1985). Para exemplificar a fusão em verbos, Gonçalves (2005) demonstra, inicialmente, o segundo tipo de fusão: o radical incorpora noções gramaticais. A seguir, em (01), vemos a demonstração feita por Gonçalves (2005, p. 145) para o verbo pôr:

- | | | |
|-----|-------|---------------------------------------|
| (2) | /poN/ | ponho, põe, ponha, ponhamos |
| | /puN/ | punha, púnhamos, punham |
| | /puS/ | puséramos, puséssemos, pusesse, puser |
| | /poR/ | porei, poríamos, poremos, poria |

Todas as formas acima apontadas expressam o conteúdo lexical *pôr*, *colocar*. Entretanto, em cada uma dessas formas, há fusão desse conteúdo lexical (material) com algum conteúdo gramatical (relacional) do verbo. Assim, em ‘/poN/’, há a indicação de tempo presente (os tempos que expressam essa noção são o presente do indicativo, o presente do subjuntivo e o imperativo). Em ‘/puN/’, existe a indicação do conteúdo *pretérito imperfeito do indicativo*; a forma ‘/poR/’ informa futuro. Já a forma ‘/puS/’ aparece nos seguintes tempos: pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito perfeito do indicativo, futuro do subjuntivo e pretérito mais-que-perfeito do indicativo. Em nossa pesquisa, comprovamos que há diversos expedientes de fusão atuando na morfologia verbal do português. Na próxima seção, mostraremos casos de fusão por ditongação que veiculam o conteúdo de *presente*.

4) A ditongação no radical e a informação de presente

O interesse de Bybee (1985) é na análise de modificações formais (morfofonológicas) que não são estritamente condicionadas fonologicamente e indicam informações gramaticais. Segundo a autora, nesses casos, a mudança no radical do verbo é o principal sinal de que uma categoria flexional com outro expoente dessa categoria. Em nossos estudos, comprovamos que mesmo as modificações formais na base que têm condicionamento fonológico podem veicular conteúdos gramaticais. A ditongação, por exemplo, é condicionada fonologicamente,

já que ocorre em contexto de sílaba tônica. Entretanto, veicula conteúdo gramatical, como o conteúdo de *presente*, conforme se verifica abaixo.

4.1) Ditongação no radical: informação de presente

Uma estratégia formal que indica *presente* no português é a ditongação no radical do verbo. Na 1ª conjugação, por exemplo, verbos terminados em ‘-ear’ sofrem ditongação por epêntese de semivogal [j] no presente do indicativo, presente do subjuntivo, imperativo negativo e P3 e P6 do imperativo afirmativo no contexto de sílaba tônica. Em outras palavras, a epêntese de [j] ocorre nos tempos que indicam presente³. Desse modo, fica evidente que a ditongação está a serviço da informação de presente. Alguns exemplos, buscados no Aurélio Eletrônico, são os seguintes:

(3) alardear, altear, alhear, aperrear, altear, assenhorear, balancear, bambolear, baratear, barbear, bloquear, bobear, bombardear, bombear, cabecear, ceiar, cercear, clarear, custear, delinear, desencadear, despentear, devanear, escanear, estrear, frear, golear, golpear, homenagear, manusear, mapear, massagear, nocautear, parafrasear, passear, pentear, permear, presentear, rastrear, recheiar, saborear, sapatear, sortear, zonear.

Os verbos ‘odiar’ e ‘incendiar’, terminados em ‘-iar’, também sofrem ditongação por epêntese de [j], como ‘ode[j]’ e ‘incende[j]’, em formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e dos imperativos. A título de exemplificação, observa-se a conjugação de ‘presentear’ no presente do indicativo:

(4) Eu presente[j]o

Você presente[j]a ~ Tu presente[j]as ~ Tu presente[j]a

Ele presente[j]a

Nós presenteamos ~ Nós presente[j]amos⁴ ~ A gente presente[j]a

Vocês presente[j]am

Eles presente[j]am

A epêntese de [j] nos radicais dos verbos terminados em ‘-ear’ informa a noção gramatical presente, como se vê nos dados em (3):

³ Assim como o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, o imperativo também indica presente (Rocha Lima, 1975).

⁴ Apesar de essa forma estar em desacordo com a norma padrão, ela é muito realizada pelos falantes. Segundo a norma padrão, a ditongação ocorre formalmente nas formas rizotônicas do presente do indicativo. Todavia, o falante realiza esse processo morfológico com frequência em P4 na sílaba pretônica: ‘presente[j]’amos; ‘estrel[j]’amos; ‘ce[j]’amos’ indicando, dessa forma, a noção presente. Isso indica que a motivação semântica de indicar o tempo presente sobrepõe-se ao condicionamento fonológico.

(5)

alarde[j]	cerce[j]	mape[j]
alte[j]	clare[j]	massage[j]
aperre[j]	custe[j]	nocaute[j]
assenhore[j]	deline[j]	parafrase[j]
balance[j]	desencade[j]	passé[j]
bambole[j]	despente[j]	pente[j]
barate[j]	devane[j]	perme[j]
barbe[j]	escane[j]	presente[j]
bloque[j]	estre[j]	rastre[j]
bobe[j]	fre[j]	reche[j]
bombarde[j]	gole[j]	sabore[j]
bombe[j]	golpe[j]	sapate[j]
cabece[j]	homenage[j]	sorte[j]
ce[j]	manuse[j]	zone[j]

Verificamos, então, que radicais com epêntese de [j] expressam tempo presente. Como esse fenômeno é regular e indica uma informação gramatical, o falante, às vezes, realiza-o mesmo quando seu uso está em desacordo com a norma padrão. Desse modo, é comum realizar ditongação por epêntese de [j] nas formas verbais terminadas em ‘-iar’. Esse uso é atestado por Reis (1982, p. 63): “Pessoas incultas [sic] tendem a confundir estes verbos com os terminados em ear, e dizem: copeio, vareia, apreceio, etc. Esta pronúncia incorreta chega, em alguns lugares, a contaminar [sic] a própria linguagem de algumas pessoas cultas”.

A necessidade de Reis de citar essa epêntese em um Breviário de Conjugação Verbal deve-se à produtividade e à regularidade de sua ocorrência. Defendemos a hipótese de que esse processo é produtivo por estar a serviço de uma informação gramatical: a indicação de presente. Há uma série de verbos, terminados em ‘-iar’, nos quais o falante realiza a ditongação por epêntese de [j]. Quando realiza esse processo, está indicando o tempo presente através de uma marca formal: a mudança no radical do verbo (fusão), como se verifica abaixo:

(6)

vare[j]o / vare[j]a	contage[j]o / contage[j]a	fantase[j]o / fantase[j]a
cope[j]o / cope[j]a	desaprece[j]o / desaprece[j]a	finace[j]o / finance[j]a
aprece[j]o / aprece[j]a	deprece[j]o / deprece[j]a	maque[j]o / maque[j]a
abreve[j]o / abreve[j]a	diference[j]o / difference[j]a	negoce[j]o / negoce[j]a
alume[j]o / alume[j]a	distance[j]o / distance[j]a	plage[j]o / plage[j]a

aprove[j]o / aprove[j]a	divorce[j]o / divorce[j]a	presence[j]o / presence[j]a
benefice[j]o / benefice[j]a	esvaze[j]o / esvaze[j]a	sace[j]o / sace[j]a
chefe[j]o / chefe[j]a	evidence[j]o / evidence[j]a	silence[j]o / silence[j]a

O falante, ao realizar ‘vare[j]o’, ‘contage[j]a’, ‘plage[i]a’, ‘chefe[j]a’, ‘distance[j]a’, está informando a noção de presente através de manifestação formal no radical do verbo; a indicação de tempo presente, nesses dados, não é feita por um zero morfológico. A ditongação, como um expediente morfológico que expressa o tempo presente, reforça a hipótese de Bybee (1985) de que alterações formais têm, geralmente, contraparte semântica. Evidenciamos que essa contraparte semântica se dá mesmo nos casos em que há condicionamento fonológico, e, além disso, é uma estratégia produtiva: o falante, em algumas variedades, realiza a ditongação mesmo em desacordo com a norma padrão, informando, assim, o conteúdo de presente.

Em verbos como ‘caber’, ‘saber’, ‘querer’ (de 2ª conjugação), também ocorre ditongação por epêntese de [j] para informar presente: ‘ca[j]b-’ ocorre em P1 do presente do indicativo, no presente do subjuntivo, no imperativo negativo e em P3 e P6 do imperativo afirmativo; já ‘sa[j]b-’ e ‘que[j]r-’ ocorrem nas mesmas formas com exceção da P1 do presente do indicativo. Podemos afirmar que ‘que[j]r-’, ‘sa[j]b-’ e ‘ca[j]b-’ informam presente através de fusão por ditongação. Na 3ª conjugação, o verbo ‘parir’ é um exemplo em que o radical ‘pa[j]r-’ atualiza a noção de presente. A ditongação, nesses casos, tem uma motivação formal, só acontecendo na P1 do presente do indicativo e nas formas dela originadas: no presente do subjuntivo, na P3 e na P6 do imperativo afirmativo e no imperativo negativo. Essas coincidências formais não são fortuitas. As semelhanças formais que ocorrem têm uma contraparte semântica: estão a serviço da informação de presente.

5) Considerações finais

Demonstramos, com o artigo, que a informação gramatical de tempo presente possui manifestação formal em português. O expediente para a informação de presente não é por meio de concatenação de afixos, mas através da modificação no radical do verbo. Em nossa pesquisa, verificamos que há alguns expedientes formais que veiculam a noção de presente: alternância vocálica⁵ (abertura de vogal média: ‘p[ɛ]go’, de ‘pegar’, ‘j[ɔ]go’, de ‘jogar’, ‘est[ɔ]ro’, de ‘estourar’, ‘p[ɔ]so’, de ‘pousar’, ‘int[ɛ]ro’, de ‘inteirar’, ‘end[ɔ]ido’, de ‘endoidar’); mudança na consoante final do radical (‘per[k]o’, de ‘perder’, ‘ou[s]o’, de ‘ouvir’) e ditongação (qu[ej]ra, de ‘querer’, balanc[ej]a, de ‘balancear’). Neste artigo, explicitamos casos de fusão de da indicação de tempo presente por ditongação, comprovando que essa estratégia de fusão, além de sistemática, é produtiva.

Com base em Bybee (1985) e Gonçalves (2005), demonstramos como é possível dar conta do polo semântico do processo morfológico não-linear: fusão, aqui entendida como consequência de um alto grau de relevância semântica – conteúdos como tempo e número-pessoa se fundem no radical por serem relevantes para o significado do verbo. Objetivamos,

⁵ Vivas (2010) demonstra a regularidade e sistematicidade da fusão por alternância vocálica no português, explicitando casos de informação de tempo e de número-pessoa.

com a nossa pesquisa, evidenciar que a morfologia cria padrões de fusão através da fonologia: *ditongação*; esses padrões formais manifestam conteúdos semânticos: conteúdo de *presente*, o que reforça o pressuposto de que morfologia e fonologia não são estanques, podendo ser descritas a partir de um *continuum* (Bybee, 1985).

Referências

- AZUAGA, L. Morfologia. In: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R.; DUARTE, I.; GOUVEIA, C. A. M. **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.
- BORBA, S. C. **O aspecto em português**. São Paulo: Editora Contexto, 1991.
- BYBEE, J. L. **Morphology: a study of the relation between meaning and form**. Amsterdam; Philadelphia: John Publishing Company, 1985, v. 9, p. 1-98.
- CABRAL, L. S. **Introdução à linguística**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CARONE, F. de B. **Morfossintaxe**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- FREITAS, H. R. de. **Princípios de morfologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- GONÇALVES, C. A. V. **Flexão e derivação em português**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2005.
- GONÇALVES, C. A. ; ALMEIDA, M. L. L. de. Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português . In: _____;_____. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários Diadorim**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008, v. 4, p. 27-55.
- GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. **Universals of language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1963.
- HENRIQUES, C. C. **Morfologia**. 2. ed. Rio de Janeiro, Campus, 2007.
- KEHDI, V. **Morfemas do português**. São Paulo, Editora Ática, 1990.
- KOCH, I. G. V. ; SOUZA E SILVA, M. C. P. de. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- LAROCA, M. de N. C. **Manual de morfologia do português**. Campinas: Pontes; Juiz de Fora: UFJF, 1994.
- LOPES, C. A. G. **Lições de morfologia de língua portuguesa**. Jacobina: Tipô-Carimbos, 2003.
- MIRA MATEUS; M. H.; BRITO, A. M; DUARTE, I. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 1983.

- MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz. **Introdução à linguística II: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003.
- REIS, O. **Breviário de conjugação verbal**. 41. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- RIO-TORTO, G. M. **Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português**. Porto: Porto, 1998.
- ROCHA LIMA, L. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.
- ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: Martins fontes, 2008.
- SANDALO, M. F. S. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SANDMANN, A. J. **Morfologia geral**. São Paulo: Contexto, 1991.
- SAPIR, E. **Language**. New York: Harcourt, Brace and World, 1921.
- TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1981.
- VILLALVA, A. Estrutura morfológica básica. In: MIRA MATEUS, M. H; BRITO, A. M; DUARTE, I. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- VIVAS, V. de M. Relendo as categorias verbais. Trabalho apresentado no XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Disponível em:< http://www.filologia.org.br/xiiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_3/relendo_as_categorias_verbais_VITOR.pdf >. Acesso em: 09 jun. 2011.
- VIVAS, V. de M. A alternância vocálica no português: regularidade e sistematização. **Cadernos do NEMP**, vol. 1, n. 1, p.33-44, 2010.
- VIVAS, V. de M. **Novos enfoques sobre a flexão verbal em português: abordagem formal e semântica do mecanismo fusão**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- ZANNOTO, N. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 5. ed. Caxias do sul: Lucerna, EducS, 2006.